

Piripaque

A HISTÓRIA DE UM NEOLOGISMO

José de Souza Meirelles Filho

Aconteceu há cerca de 70 anos. Formei-me em 1946. CRM 310. Costumo dizer que Hipócrates foi meu colega de turma. Em 1947 já era residente no HC da Faculdade de Medicina da USP. Na noite em que aconteceu o episódio, fui destacado para, junto com os devidos assistentes, fazer o plantão noturno no PS. Logo me puseram no "plantão da porta", ou seja, encarregado de atender os pacientes que chegavam e eram encaminhados à sala de exames. Se fosse problema de clínica médica, eu deveria resolver ou solicitar o auxílio dos assistentes. Naquela noite, os assistentes de clínica médica eram os Drs. Cassio Botura e Dirceu P. Neves, ambos excelentes clínicos, mas não propriamente o que eu chamaria de bem-humorados. Lá fui eu atender os pacientes recém-chegados e encaminhados à sala de exames. Eu contava com o auxílio do João Pé-de-Valsa, auxiliar de enfermagem com enorme tarimba a respeito de pacientes que chegavam de ambulância. Quase sempre ele os encaminhava à sala de exames já com o diagnóstico feito: "Doutor, chegou uma úlcera hemorrágica, um aborto incompleto, uma fratura do fêmur", e assim por diante. Naquela noite vi o João desapontado: "Doutor, chegou uma jovem em coma e eu não estou sabendo bem o que é". Foi encaminhada, inconsciente, à sala de exames, acompanhada da mãe em prantos: "Doutor, salve minha filha. Esta maluca brigou com o namorado e resolveu se matar tomando um copo de manga com leite". Ao meu lado, o Bittencourt, residente de cirurgia, dirigiu-se à mãe desesperada: "Não se preocupe, minha senhora, recentemente, dois médicos alemães, de nome Billie e Park, estudaram o veneno da manga com leite e desenvolveram uma injeção, que nós temos aqui, e que acaba com os efeitos desta maldita mistura". Ato contínuo, após

a injeção de uma pequena dose de soro glicosado, a jovem acordou, bela e faceira. A pobre mãe foi impedida de cair aos pés do Bittencourt a fim de beijá-los. Nós, do PS, gostamos da história do Billie e Park e passamos a usar esta expressão em vez de, erroneamente, HY (histeria), que usávamos como rotina para os pacientes que apresentavam quadro exagerado de reação psicossomática. Tempos depois, o "Billie e Park" subiu os andares, tomou conta do HC. Posteriormente, sofreu corruptela para "bilipak" e, mais tarde, nova corruptela para "piripaque". Hoje, "piripaque" é largamente usado, inclusive por jornalistas e escritores em todo o Brasil. Basta conferir "piripaque" no Google. Ainda não mereceu a honra de figurar no Aurélio ou no Houaiss, mas logo chegará lá. Quando o dicionário se referir à origem do vocábulo, seu criador deveria ser lembrado, o Dr. Delmonte Bittencourt, talentoso cirurgião, braço direito do Zerbini, os introdutores da cirurgia cardíaca em nosso meio.

Ainda não mereceu a
honra de figurar no
Aurélio ou no Houaiss,
mas logo chegará lá.

A história do MMDC

Rodrigo Gutenberg

A questão dos fatos ocorridos na Praça da República no dia 23 de maio de 1932 é complexa. Em 1930, os paulistas adeptos do Partido Democrático, ou adeptos de nenhuma filiação, apoiaram o golpe ou revolução de 30, e esse mesmo povo apoiava a queda da ditadura que sorrateiramente se instalara pelos sórdidos varguistas e tenentistas. É importante lembrar que essas duas palavras, varguismo e tenentismo, ou melhor, esses dois grupos, andavam juntos desde 1929, buscando consolidar seu poder intransigente, acentuado em 1932 e mais preponderantemente eclodindo em 22 de maio, depois de diversos distúrbios sociais, perturbações políticas e a problemática questão da ocupação do Estado de São Paulo.

A sigla "MMDC" é conhecida por representar os primeiros quatro paulistas que deram sua vida pela democracia. Desarmados, enfrentaram homens providos de revólveres, fuzis e granadas.

Conforme muitos sabem, em maio de 1932 ocorreu um conflito entre civis paulistas e homens do Partido Popular Paulista. O PPP era a antiga Legião Revolucionária de São Paulo, fundada em 1930 pelo então coronel Miguel Costa, um argentino radicado no Brasil, tenentista, que havia voltado do exílio após participar da "Coluna Prestes", ao lado do comunista Luiz Carlos Prestes e outros militares indisciplinados.

São Paulo estava sitiada pela ditadura; os comícios e as passeatas pedindo Constituição eram reprimidos. É importante também ressaltar que havia "Legião Revolucionária" em todo o Brasil, cujo intuito era continuar respaldando o golpe de 1930. Mas as legiões nunca conseguiram se organizar, devido à própria desordem social de cada membro, afinal eram militares indisciplinados. A maior delas, a Legião Revolucionária de São Paulo, criada em 1930, tinha enormes desavenças com os membros do Partido Democrático, Partido Republicano Paulista, e a população a odiava, por conta de sua truculência e do seu caráter miliciano, agindo sempre fora da lei.

Então, a Legião de São Paulo perdeu praticamente toda sua força inicial. Os tenentistas tinham desavenças até

mesmo com seus próprios aliados, a ditadura. Miguel Costa, apoiado por parte da população, queria a Interventoria paulista, mas nunca foi escolhido para o cargo.

No final do mês de maio de 1932, o General Góes Monteiro, então comandante da 2ª Região Militar, expôs para o ditador Getúlio Vargas um planejamento para continuar dominando São Paulo. A ideia era reorganizar o governo paulista, reforçando as forças militares. Além de demissões de funcionários públicos, deportações e censura à imprensa, o plano nada tinha de novo e espantoso; apenas seguia um velho caminho, cada vez mais repressivo.

As hostilidades de 1932, como já foi falado, resultaram na morte de quatro jovens paulistas. No próprio dia 23 de maio, três morreram imediatamente, e mais um no dia 28: respectivamente, Mário Martins de Almeida, de 30 anos; Euclides Bueno Miragaia, de 21; Antonio de Camargo Andrade e Dráusio Marcondes de Souza, de 14.

Orlando Alvarenga, um mineiro de 32 anos que nada tinha a ver com as manifestações de 22 e 23 de maio, foi atingido por um tipo de fuzil nas costas no momento em que passava pelo local. Alvarenga faleceu 81 dias depois, no dia 12 de agosto, por conta de outro tiro que recebeu em uma ocasião que nada tinha a ver com o 23 de maio.

Não deixaremos de citar, também, os dez feridos. Aí constam alguns dos cerca de trezentos homens que estavam em frente ao edifício onde estava sediado o Partido Popular Paulista, do General Miguel Costa.

No interior do edifício havia oito homens, miguelistas, provavelmente do Exército, mas que não representavam o povo paulista nem o Exército brasileiro. De fato, é uma lacuna na História e não se sabe quem eram os homens que rechaçaram a população paulista. Na madrugada do dia 24, tropas vindas do 4º R.I. – Quitauína –, depois de tomar posição em frente ao prédio ocupado pelo Partido Popular Paulista, intimaram o povo a se manter a distância segura.

Ainda no dia 24, o governo ditatorial tomou algumas providências: retirou Goés Monteiro do comando da 2ª RM e o nomeou para a 1ª RM, e coube ao carioca Coronel Manuel Rabelo substituí-lo em São Paulo.

No dia 29 de maio, ordenou a unificação dos comandos da Força Pública e do Exército, mas a ordem não surtiu o efeito esperado, e, no dia 1º de junho, foi revogada.

O movimento ocorrido em maio, especialmente depois do dia 22 daquele mês, era também abrilhantado, respaldado e investido pela classe acadêmica. Estudantes das altas escolas superiores participavam dos comícios, passeatas e manifestações de outros tipos. E, obviamente, no dia 23, eles também estavam presentes. Mas nenhum dos quatro mortos era estudante, como é comumente difundido. Nem mesmo Dráusio, de quatorze anos.

Bem andou a Sociedade Veteranos de 1932 – MMDC, hoje sob a presidência deliberativa do Coronel PM Mario Fonseca Ventura. Seus antigos presidentes e seus presidentes, membros de Núcleo e associados, vêm desmistificando e trazendo novas informações sobre a história da Revolução Constitucionalista.

Outra coisa importante é informar o que realmente foi o MMDC. A MMDC (com artigo feminino mesmo) na verdade foi uma organização civil e primordialmente secreta criada para ajudar na libertação de São Paulo. Segundo Paulo Nogueira Filho, a MMDC era a Alma Máter da preparação e da condução da guerra nos âmbitos civil e paramilitar.

Aureliano Leite informa que eram apenas quatro os reunidos que fundaram o MMDC: ele mesmo, Joaquim de Abreu Sampaio Vidal, Prudente de Moraes Neto e o idealizador da nova organização, Paulo Nogueira Filho. A organização secreta foi batizada de Guarda Paulista, cuja ata de criação foi assinada por representantes da Associação Comercial de São Paulo, bancários, classes liberais, estudantes, o Partido Democrático e o Partido Republicano.

Alguns dias depois, a Guarda Paulista teve seu nome mudado e oficializado, e, por iniciativa do perrepista Edgar Baptista Ferreira, foi proposto o nome CDMM, em memória dos quatro primeiros heróis do levante paulista, mas logo foi corrigido para MMDC por Aureliano Leite. Enfim, o nome seria perpetuado. Com dez dias de existência, a MMDC, ainda sediada no Clube Comercial, mas com núcleos em toda a cidade, já contava com cerca de cinco mil homens dispostos a ir para a guerra.

Até então, mesmo com o crescimento, a adesão de milhares de paulistas, a organização ainda era secreta, ou, pelo menos, discreta, e somente em 9 de julho é que ela tornou-se indiscreta. Como suas bases estavam fundamentalmente sólidas, foi possível transferir a direção para novos elementos.

Em 10 de agosto de 1932, Pedro de Toledo era o Interventor Federal, nomeado por Getúlio Vargas. Com a eclosão do movimento constitucionalista em 9 de julho, Pedro

de Toledo foi aclamado Governador do Estado de São Paulo no dia seguinte pelo povo paulista.

O governo revolucionário de São Paulo oficializou, pelo Decreto n. 5.627-A, de 10 de agosto, cuja redação na íntegra encontra-se no link <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1932/decreto-5627A-10.08.1932.html>>, o reconhecimento da MMDC, entregando sua direção, subordinada à Secretaria da Justiça, ocupada pelo Professor Waldemar Ferreira, a um decenvirato que vigorou até o término do movimento constitucionalista: Prudente de Moraes Neto, Carlos de Souza Nazareth, Antonio Carlos Pacheco e Silva, Piza Sobrinho, Alarico Soares Caiubi, Silvio de Campos, Oscar Machado de Almeida, Antonio Carlos de Abreu Sodré, Leven Vampré, José Cássio de Macedo Soares.

Assim, ao rebentar, na noite de 9 de julho, o movimento revolucionário, cuja explosão mais cedo ou mais tarde ninguém evitaria, surgiu na estacada a MMDC.

E começou a faina do alistamento.

Instalado o seu QG, enquanto uma comissão de senhoras começava a angariar donativos, os voluntários acorriam das Faculdades Superiores e da congregação da Mocidade Paulista.

Poucos dias depois, organizaram-se as Caravanas de Propaganda Cívica. Dividido o Estado em nove zonas, nove Caravanas deixaram a Capital, em direção ao interior, onde seriam realizados comícios e instaladas comissões locais.

Diariamente chegavam a São Paulo os voluntários. Improvisavam-se os acampamentos, onde se alojavam e se equipavam. E os batalhões partiam para a frente.

E montou-se a grande máquina, coordenando todos os esforços e satisfazendo as exigências de um aparelhamento moderno, completo e perfeito.

No perpassar da Revolução, desenrolava e dividia-se a corporação em numerosos departamentos, através de sufrágio, e um coordenador foi eleito para cada departamento.

A mocidade de nossos dias precisa conhecer por que todo um povo, independentemente de sua filiação política ou religiosa, de sua nacionalidade ou posição social, levantou-se em defesa dos sagrados ideais de constitucionalização do país.

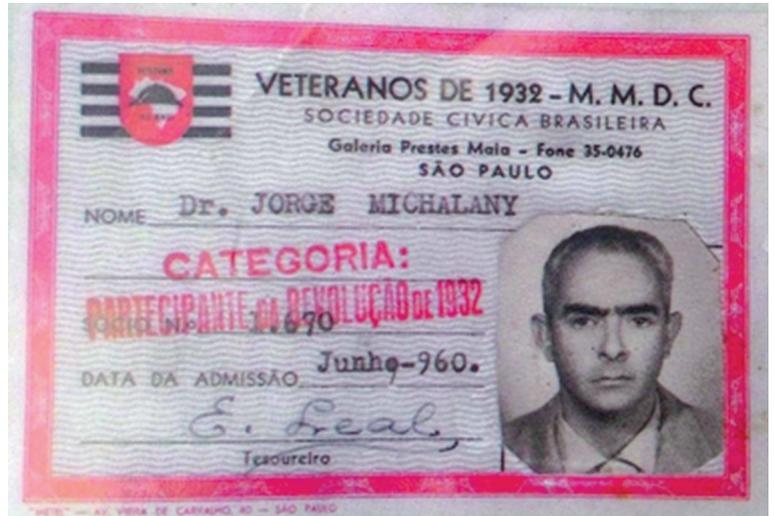
A organização dos paulistas para a Revolução Constitucionalista de 1932 foi impecável. O povo de São Paulo deu tudo o que tinha, em todas as cidades paulistas. Os serviços prestados na retaguarda foram os sustentáculos dos mais de cem batalhões patrióticos formados por civis que foram para a frente de batalha defender o Brasil da tirania.

Um voluntário da Associação Paulista de Medicina nos quadros da MMDC

Segundo o médico Dr. Jorge Michalany, da Associação Paulista de Medicina, membro da Sociedade Veteranos de 1932, que, aos 15 anos, participou do movimento, prestando serviços na retaguarda como enfermeiro, a Revolução Paulista de 1932 foi o único movimento realmente patriótico comparável à Revolução Francesa de 1789, na qual os políticos, os militares e o povo estavam unidos. Todas as outras revoluções brasileiras não passaram de quarteladas, sem participação popular.

Rodrigo Gutenberg

Presidente do Conselho Fiscal da Sociedade MMDC



Carteira de Associado da Sociedade Veteranos de 1932 - MMDC do Dr. Jorge Michalany

O Passaporte

Mário de Mello Faro

O passaporte representa um mecanismo criado para estabelecer barreiras físicas e, por vezes, culturais e ideológicas, restringindo e dificultando o livre acesso de pessoas indesejáveis ou nocivas a determinados países.

Dessa maneira, são garantidas a soberania e a segurança dos nativos dessa suposta nação, respeitando, todavia, atributos específicos, tais como: hábitos, costumes, eficiência, organização, padronização, produtividade e idiomas – condições altamente prevalentes e diferenciadas.

Ao longo do tempo, o vocábulo passou a ter maior e ampla utilização, agora se unindo a diferentes segmentos de grupos representativos da sociedade vigente, criando novas imagens simbólicas, aplicadas a setores grupais daquela, ou seja, da Alegria, do Amor, da Juventude, da Gastronomia, do Meio Ambiente, do Mercosul, da Paz, do Turismo, da Saúde, do Sucesso e do Verde, entre outras áreas do conhecimento humano, aproximando objetivos, transpondo barreiras e eliminando posições adversas.

Essa plêiade de passaportes tem sido um verdadeiro "abre-te sésamo" entre várias destinações, e, por derradeiro, facilitador... contrariamente ao inicial descrito, de cunho impeditivo e fundamentalmente restritivo.

Para completar o conjunto das finalidades arroladas, estariam faltando, ainda, dois importantes rótulos: a criação do Passaporte da Mente e do Passaporte do DNA.

O primeiro seria, então, aquele que viria promover vínculos estreitos entre os vários segmentos da mente humana, permitindo que as condições específicas existentes pudessem, por caminhos tortuosos e diversificados da memória, ser levadas a distintos recantos da massa cinzenta, assegurando a comunicação de informações entre as células neurais.

Assim, criam-se condições íntimas entre cérebro e cerebelo, por meio do encontro de sinapses ligadoras e transportadoras de impulsos e sentimentos, ou seja, audição, paladar, olfato, tato e visão, carregando no seu bojo

alegria, satisfação, desespero, dor, dúvida, crítica, pesar e outros mecanismos de caráter sensorial.

O conteúdo e o comportamento da mente sempre foram uma incógnita severa e muito intrigante.

Não são muitas as pessoas que conseguem subjugar corretamente esse mistério que é a mente humana.

A cada momento, o cérebro transforma-se numa caixa de surpresas, revelando dados inesperados, que levam a um maior conhecimento sobre ele.

Desde os tempos de Sigmund Freud (1856-1939), um dos pioneiros no seu conhecimento, derrubou-se uma série de conceitos errôneos, ao visualizar sinais e sintomas da mente comprometida e enferma.

Recentemente, a implantação de eletrodos no cérebro permitiu alterar o seu comportamento, revitalizando regiões afetadas. No entanto, a utilização rotineira da tomografia cerebral e da ressonância magnética permitiu identificar problemas orgânicos que estejam afetando a massa cerebral, com consequentes distúrbios próximos e a distância.

Por outro lado, o Passaporte do DNA seria aquele representativo da bagagem genética hereditária do ser humano, espelhando as suas origens, desde épocas remotas até os nossos dias, mediante o estudo do seu estado genético.

O DNA humano sofreu grandes e numerosas mudanças nesses últimos milhares de anos em inúmeros atributos, dentre os quais, a título de exemplo, o metabolismo, a coloração da pele e o desenvolvimento da massa cerebral, em tamanho, como consequência da vida em sociedade e da evolução da agricultura. O ser humano deixou de ser nômade caçador, passando a viver da agricultura, desenvolvendo uma vida relativamente sedentária.

Modernamente, com a ajuda de computadores, foram procuradas, no antro genômico do ser humano, variações produtivas eficientes, que o levariam a viver mais e gerar descendentes mais perfeitos.

É a denominada seleção natural, proposta por Darwin e Russel, já em 1858, alavancando a evolução das espécies.

O estudo do DNA humano prevê, por meio do seu passado, um futuro promissor, moldado de forma que, mediante o rearranjo dos mitocôndrios, possa o seu código genético ser modificado com a introdução de novos fatores e a eliminação dos fatores danosos.

O futuro é uma incógnita, mas a previsão de modificações e arranjos nos genes poderá melhorar a qualidade de vida do ser humano. O tempo será o parceiro primordial dessas descobertas revolucionárias.

A seleção natural foi a forma encontrada pelo homem para enfrentar a competição, as doenças e outros problemas variados, como as moléstias transmissíveis e genéticas.

Os mais fortes sobreviveram, gerando caracteres positivos/produtivos para as gerações futuras.

Quando uma variação competitiva do DNA é selecionada em favor de outras, ela prevalece e se torna comum nos descendentes posteriores, passando a ser fator definitivo.

Entretanto, há novas tecnologias, em distintas áreas, que estão a ampliar o campo científico, dentre as quais podemos citar o estudo das células-tronco embrionárias, objetivando regenerar tecidos e órgãos lesados.

Cada vez mais os estudiosos delimitam as áreas conhecidas que gerenciam funções específicas.

Por outro lado, deficiências mentais, consequentes de distúrbios endocrinológicos e genéticos, podem ser detectadas, ao nascer, por intermédio do "teste do pezinho", recurso que permite identificar doenças como Síndrome de Down, fenilcetonúria, hipotireoidismo congênito e doença de Alzheimer.

É a ciência à disposição do homem.

Mário de Mello Faro
Médico Pneumologista



Relógios

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

*"... é o relógio, porém, que mais me espanta
pois se não vens, o mísero se atrasa
e, se vens, o ditoso se adianta"*
(Arthur Azevedo)

Mensuração de intervalos de tempo sempre foi preocupação dos humanos desde épocas imemoriais – dos chamados relógios d'água (*clepsidras*) às ampulhetas e, sucessivamente, aos mecânicos movidos a rodas denteadas, molas, eletricidade, pêndulos e os de pilha de quartzo da modernidade. Assim, como regra, o homem inventa para virar escravo da invenção – quem não é dependente de horário? Não é odioso o relógio de ponto, uma estultice burocrática que prioriza o castigo em vez de estimular a retitude no cumprimento do dever? E não existe amor ao relógio que demarca o instante vivido da vida, ou da vida já vivida?

Ainda criança, não tinha preocupação com esse terrível cerceador dos bons momentos disponíveis, quando minha madrinha deu-me o primeiro de pulseira. Acho que não gostei, desde o início, embora fosse ele uma pequena joia de ouro branco, oval, ornada com pequenos brilhantes e safiras! Anos depois, foi adaptado como anel, sucesso feminino ainda hoje! Em compensação, ganhei outro que realmente me entusiasmou – blindado, capa preta, com mostrador automático incluindo calendário; por curto período não vi algo semelhante, pois desapareceu, subitamente, como desaparecem as coisas súbitas...

Em época longínqua, quando ainda se passeava pelas ruas São Bento, Direita, Barão de Itapetininga, Arouche, meu grande prazer era admirar relógios expostos nas diversas vitrinas. Conquanto a moda dos relógios pulseira se expandisse desde Santos Dumont, minha fixação eram os de bolso superdelgados, apesar de contar com os próprios da família, patações (cebolões) de ouro, duas capas: o *Patek Philippe*, de meu avô Costa Carvalho; outro, austríaco, com inscrições do meu avô Barão; e um modes-

to *Cyma*, deixado pelo meu tio-avô Mundinho. O primeiro foi perdido de maneira soez – um falso amigo resgatou-o do penhor, juntamente com nosso faqueiro de prata e tratou de vendê-los a outrem!

No meu 21º aniversário, um *Cyma* pulseira foi presente de minha avó Argentina, adquirido com sacrifício, pois que, ela já debilitada, morreria dois meses depois. Pude usá-lo até 1963, quando o Sr. Avelino Reis, distinto cliente e negociante do ramo, encomendou-me o *Eterna-Matic*, em uso até hoje!

Tempo de noivado, 1947, *midnight, the stars and you* (antiga melodia americana): vidro que estava em um relógio de pulso *Eska*, exposto na rua do Arouche, comprei-o para Sylvia às custas de vencimentos atrasados recebidos em tempo hábil. Ulteriormente, consegui um *Tissot* para minha primeira filha e outros moderninhos para as duas menores.

Tempo de viagem, 1975, Grindelwald. Meu "coração balançou" entre maravilhas – aimensidão das alturas do Jungfrau e, por pendor inato, um relógio em exposição numa joalheria local – de mesa, uns 25 cm de altura, parecendo ser construído sobre colunas de ouro, maquinismo aparente, pêndulos rotativos, e de aquisição inviável. Quase 40 anos decorridos, tal preciosidade suíça fez-se lembrar por meio de uma simples miniatura sua fabricada na China em metal cromado, que, além de tudo, constituiu a derradeira lembrança oferecida por Pailag Hadjig Kebenlian, "Paulo Amigo", ou "Palhá" da nossa rua Vergueiro dos anos 1930/1940. Ele, aos 91 anos, ainda tinha o prazer de presentear com os seus guardados dos mais variados modelos. Então, usei um deles, nacional – *Champion quartz* – quando me dirigia ao seu velório na semana passada. Evocação desmaia e o meu mundo torna-se mais minúsculo.

"Tudo passa sobre a terra" (José de Alencar) – o tempo principalmente.

De fato, pouco reparei no interesse transitório acerca do alpino *Cuco*, que cantava como a ave ao dar as horas,

alegrando minhas filhas ainda pequenas. Paradoxalmente, o *Big Ben* exibe *status* de eterno!

Todavia, exceto pelos dois herdados dos meus avós, nunca possuí relógios chiques, famosos e, sobretudo, arrependo-me de não ter adquirido um carrilhão de pedestal. Em verdade, admirei muitos e virtualmente consegui uma coleção maravilhosa!

E os sinos, também marcadores de tempo, precisam ser mencionados. Um sino suíço, importado antes da Segunda Guerra, foi doação do ilustre venerando Gastão Rachou, que mandou trazer de sua fazenda para, há 40 anos, valorizar o nosso sítio e tornar sempre viva a sua simpatia.

“Sino coração da aldeia

Coração sino da gente

Um a sentir quando bate

Outro a bater quando sente”

(Antonio Correia de Oliveira)

Ah! O que sinto quando pego o velho despertador alemão *Yvel*, dou corda e sacudo como a um sino; momentânea e instintivamente julgo sacudir para lá as minhas pobres lembranças – escondidas, nunca extinguíveis. Há cerca de 80 anos, esse modesto relógio foi comprado no Largo da Concórdia e, em algumas ocasiões, esteve no prego! Funcionando bem, ocupa local de honra em nossa sala, para, de longe, mirar seus ponteiros e senti-lo perto do coração da gente, quando bate.

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Professor de Medicina e Escritor

“Tudo passa sobre a terra” (José de Alencar) –
o tempo principalmente.





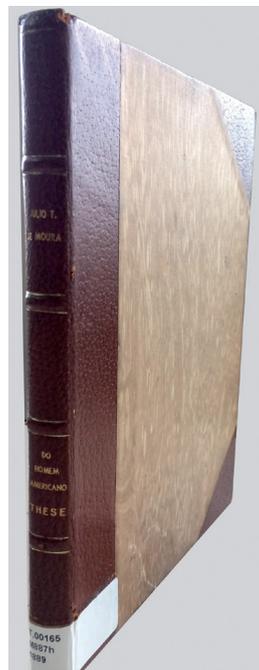
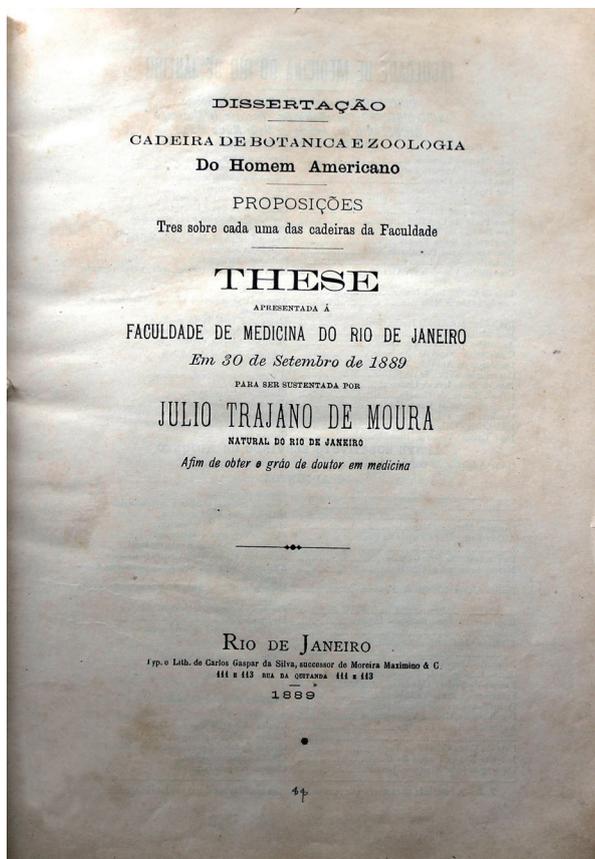
coluna do livro

Do Homem Americano

Aos que gostam das ciências das raças humanas pré-históricas, eis uma joia rara que Julio Trajano de Moura ofereceu à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como tese para obtenção do grau de Doutor em Medicina: *Do Homem Americano*. Uma preciosidade que, lida à distância de 128 anos, ainda guarda ensinamentos preciosos sobre a matéria. Editada em 1889, pela Carlos Gaspar da Silva, Rio de Janeiro, trata dos primeiros habitantes e das primeiras civilizações americanas.

São 346 páginas, encadernação da década de 1970, capa com canto e lombada em couro, muito bom estado de conservação.

Adquirida pela APM, provavelmente, nos anos de 1980.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Alexandre Rodrigues de Souza, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.